

Maria Cristina Caetano
Kuschnir

Espaço e tempo a percorrer entre a vida privada e a vida pública

No trabalho de pesquisa realizado junto aos adolescentes que freqüentam o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NESA/UERJ), foi possível observar que o foco de sua atenção é a sua identidade/singularidade. Sentem-se fazendo parte da sociedade, aqui considerada a rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras (Elias, 1994), sabem que foram por ela *construídos*, no entanto buscam a sua identidade, a sua individualidade, aqui entendida como resultante de um processo de subjetivação singular (Guattari e Ronik, 1986).

Muitas vezes, no entanto, acreditamos que faz parte do desenvolvimento humano, na adolescência, estruturar-se primeiro, tornar-se maduro o suficiente para que só então se possa relacionar socialmente.

Essa concepção é construída pela nossa sociedade e traz embutida alguns mitos, ao nosso ver equivocados. Um deles diz que o indivíduo, em algum momento, estará pronto para alguma coisa, ou que deveria estar. Crescer, desenvolver-se, ser cuidado pelo meio social a fim de se aprontar para ser adulto, o qual com certeza estará, ou deveria estar, apto a exercer suas funções na sociedade. Essa concepção permite vislumbrar o adolescente como alguém frágil e vulnerável, passível de intervenção direta. Traz também a idéia de que algo mágico acontece em algum momento e, aí, subitamente o paradigma da *ordem natural* deixa de estar presente. O ser humano pára de se desenvolver, como se isso fosse possível. Está pronto. Reformula todas as suas concepções. É socialmente competente. Ou incompetente, se esta mesma sociedade não foi capaz de prepará-lo.

Partimos do pressuposto de que o indivíduo é resultante de um processo de interação com o outro, portanto, para nós, isso quer dizer que ele existe desde o nascimento, quando estabelece suas primeiras relações com o meio social.

Segundo Elias (1994, p. 31), "(...) o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. Ele adquire a marca individual a partir da história destas relações, e, assim, num contexto mais amplo da história de toda a rede humana em que cresce e vive".

Para a psicanálise, o ser humano não sobreviveria sem uma interação mútua e constante com o outro. Esse processo se iniciaria ao substituir-se a vida intra-uterina pela vida fora do útero e duraria até a morte. Segundo Borges (1995, p. 114), "a situação originária é o confronto do recém-nascido, daquele que ainda não fala, com o mundo adulto. Confronto com tarefas de nível demasiado alto relativamente ao seu grau de maturação. Enfim, é um ser que, entregue a ele próprio, é incapaz de se ajudar por si mesmo e, por isso, tem necessidade de ajuda estranha... Situação que define também a dependência fundamental do sujeito ao outro, diante do qual não há escapatória. (...) as primeiras situações de perigo são produzidas, criando a necessidade de sermos amados, da qual não nos livraremos mais".

Nas suas histórias, os adolescentes mostram o tempo inteiro o quanto essa interação muitas vezes é conflituosa, mas permanecem buscando o convívio com outros jovens. O meio social não os permite juntar-se com as crianças, embora muitas vezes fosse o desejado. O meio dos adultos, por sua vez, assusta-os. Temem a luta pela vida, pois para eles é muito claro que o momento histórico em que vivemos é de exclusão social. Ficam, portanto, confinados e de certa maneira contidos dentro do conjunto de seres humanos vivendo num espaço/tempo chamado adolescência.

O adolescente, em nossos dias, é considerado, quase que de forma pejorativa, "uma pessoa diferente, espinhenta, meio desajeitada, crítica, ácida, irônica, às vezes debochada – um estranho que você não conhece" (Zagury, 1995). O setor da saúde contribuiu com a criação da imagem deste ser estranho que não poderia ser chamado de indi-

Professora de Medicina de Adolescentes da Faculdade de Ciências Médicas, Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCM/NESA/UERJ); doutora em Saúde Pública.

víduo, não faria parte do contexto social, estando apenas se preparando para isso.

Norbert Elias traz à discussão os conceitos de indivíduo e sociedade. Esclarece o quanto é equivocada a colocação antagônica entre ambos, assim como a postura dos que defendem a supremacia de um sobre a outra: censura, por um lado, aqueles que consideram a sociedade um meio do qual o indivíduo se utiliza a fim de suprir as suas necessidades, e, por outro lado, os que afirmam que o indivíduo faz parte da sociedade, devendo portanto tudo fazer para mantê-la, pois ela é a finalidade, precisando existir de forma plena e equilibrada. A partir desta última visão, o indivíduo nada mais é do que uma mera peça de uma engrenagem maior, estando sempre a seu serviço.

No entanto muitas vezes temos dificuldade em compreender como se dá essa relação, uma vez que não a entendemos enquanto antagônicas. A sociedade também não se constitui no mero somatório de indivíduos, não sendo algo amorfo e sem contornos próprios. Os adolescentes que nos contaram suas histórias fazem parte de um contexto social e histórico que se ingere na sua formação e estruturação enquanto indivíduos, ou seja, se esses mesmos adolescentes tivessem nascido em outro local, ou neste mesmo local, porém em outra época, certamente teriam características diferentes das que possuem hoje. Contudo eles são únicos, singulares, podem ser descritos, todavia nunca somados. Elias (1994), de uma forma muito didática, apoiando-se em Aristóteles, que, certa vez, fez analogia entre as pedras e a casa, mostra-nos que a soma não leva a nada: “tampouco se pode compreendê-la pensando na casa como uma unidade somatória, uma acumulação de pedras; talvez isso não seja totalmente inútil para a compreensão da casa inteira, mas por certo não nos leva muito longe uma análise estatística das características de cada pedra e depois calcular a média”.

Mesmo sabendo que ainda temos um caminho muito longo a percorrer nesta discussão, podemos nos antecipar e fazer algumas considerações sobre esse tema. Não é possível ao indivíduo ser feliz vivendo numa sociedade cheia de conflitos, perturbações, incertezas, e sentindo sua sobrevivência ameaçada. Também não se pode falar em uma sociedade justa se um de seus indivíduos não for por ela atendido.

Nesse momento percebemos, nas falas dos adolescentes, uma profunda desconfiança em relação à sociedade *dos adultos*, da qual se sen-

tem excluídos. Ela lhes é hostil. Eles sentem uma grande necessidade de se fortalecerem a fim de enfrentar a vida.

Ao buscarem o serviço de saúde, procuram um atendimento para os *seus problemas*, isto é, suas doenças, suas moléstias, suas dúvidas... Retornamos então ao nosso dilema inicial: estamos diante de um indivíduo social e historicamente construído, entretanto único, com desejos, medos, sonhos. Ao entrarem nos serviços de assistência médica querem que sua saúde seja restaurada. E nós temos a lhes oferecer um modelo de saúde integral que só os enxerga em sua condição de cidadãos do futuro, saudáveis para serem produtivos. Este modelo *biologiza* os aspectos psíquicos e sociais, padronizando não só a atenção à saúde dos adolescentes, como eles próprios.

Em suas narrativas, os adolescentes deixam claro que se constituem/consideram indivíduos e que fazem parte, assim como fizeram e continuaram a fazer, da sociedade, do grupo social como um todo, e não apenas de um grupo constituído de seres amorfos e cuja única relação com o meio social é a passividade, a dependência, a vulnerabilidade e o fato de terem entre 10 e 19 anos de idade.

A rede de relações sociais age de tal maneira que os adolescentes, muitas vezes, são catalogados enquanto rebeldes, inseqüentes e paradoxalmente responsáveis pelos danos que causam a si e ao próximo. A sociedade dita-lhes suas normas, participa da formação deles desde o nascimento, mas ao mesmo tempo restringe-lhes sua autonomia. Delineia-se a idéia de que, entre a infância e a idade adulta, o ser humano vive em algum outro lugar. Lugar este situado num plano distante e com modo de viver completamente estranho e desconhecido. Faz-se necessário, então, trazê-lo para dentro dela. Todavia, para isso, é essencial *formatá-lo* e prepará-lo.

A analogia entre público e privado se faz presente. O adolescente, assim como a criança, faria parte do mundo privado e, tal qual ela, precisaria ser protegido e moldado para poder sair de sua *clausura* – a família. Essa teria que existir, a fim de exercer seu papel de protetora e guardiã daquele ser humano em crescimento e desenvolvimento. Essa explicação, no entanto, não é suficiente para nos fazer encontrar o lugar do adolescente. Ele não está preso ao domínio privado como a criança e não domina o espaço público: parece estar entre os dois. E é exatamente nesse *locus* que se desenrola sua história, inatingível pela sociedade do mundo dos adultos.